



REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS

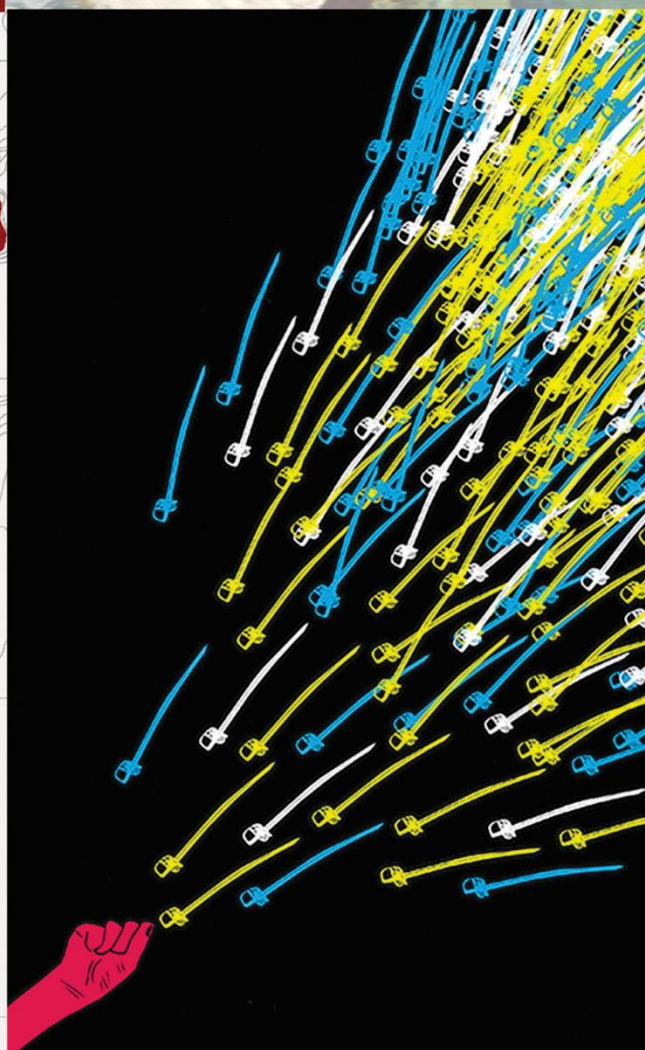
VOL. 05, Nº 2 - 3º TRIMESTRE - 2020

ISSN 2448-1793

Nº 02

Dossiê
20 anos

Curso de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade Estadual de Goiás



Perfil dos artistas

Sarah Cabral
Talles Lopes
Áureo Rosa
George dos Anjos

NÃO É SÓ ARQUITETURA

<https://doi.org/10.5281/zenodo.4667856>

Ana Paula Faria



Acadêmica de Arquitetura e Urbanismo da UEG, cursando o 10º período.

Andréia Camilo



Acadêmica de Arquitetura e Urbanismo da UEG, cursando o 10º período

O curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo é comumente visado por aqueles que têm certa inclinação para as artes e isso certamente acontece porque existe uma conexão entre eles. Ela pode ser estabelecida de diferentes maneiras e ser facilmente assimilada ou exigir um pouco mais de atenção daquele que se propõe a percebê-la e é possível que haja esse vínculo por tratar-se de fazeres que demandam uma particularidade sobrepujante ao simples domínio de alguma técnica.

De início, o estudante é exposto a um universo de saberes teóricos e práticos que mesmo sendo introdutórios num primeiro momento, já possibilitam uma visão mais crítica sobre os assuntos e viabilizam a possível fuga da zona de conforto, do lugar comum. Conforme se avança e absorve as novas informações – seja conhecimentos das áreas de exatas ou humanas – aquela característica elementar acaba se revelando de forma bastante distinta para cada um, já que o curso abrange aspectos que vão desde ter uma ideia até concretizá-la. Obviamente, há os que chegam com alguma bagagem artística e tendem a priorizar esse lado do curso, e ainda aqueles que buscam na faculdade meios para traduzir suas ideias ou potencializá-las.

Nesse desenrolar do tempo de faculdade, em meio a pensar, fazer e todas as oportunidades que se abrem, é natural surgir indivíduos que apresentem novas aspirações, mas, como o aprendizado da arquitetura e urbanismo se torna base para iniciar a criação no mundo das artes plásticas? É apropriado ressaltar a **diversidade** refletida em diversos momentos do curso, o **processo** em que estão envolvidos os materiais e métodos para se obter algum resultado e, por último, mas os mais importantes, os **professores** e **professoras**, pois seja lá qual for o meio em que o estudante escolhe se esgueirar – arquitetura, urbanismo ou artes plásticas – eles tem influência direta.

A diversidade presente no curso se sobressai em vários aspectos e possibilita a cada um conhecer elementos variados que certamente terão influência em suas produções. O desenho à mão – apresentado desde o início – seja técnico ou livre, é o mais importante meio de representação e já aponta para possíveis caminhos, pois como ressaltado pelo arquiteto e urbanista Lucio Costa (1940),

De uma parte, com efeito, o ensino do desenho visa desenvolver nos adolescentes o hábito da observação, o espírito de análise, o gosto pela precisão, fornecendo-lhes meios de traduzirem as idéias e de os predispor para as tarefas da vida prática, concorrerá também, para dar a todos melhor compreensão do mundo das formas que nos cerca, do que resultará necessariamente, uma identificação maior com ele. Mas, por outro lado, tem por fim reavivar a pureza de imaginação, o dom de criar, o lirismo próprios da infância (...). Ora, precisamente aquelas qualidades é que irão constituir, por assim dizer, o fundo comum de onde brotarão, mais tarde, as manifestações artísticas quaisquer que elas sejam (COSTA, 1940, p.2).

Posteriormente, são apresentados os recursos computacionais e com isso surgem alternativas que podem impulsionar ainda mais a criatividade, pela quantidade de ferramentas recém aprendidas que se tornam meios possíveis de expressão. A partir daí, essa multiplicidade fica mais evidente quando posta em prática, por exemplo, na concepção dos projetos propriamente ditos, em que é preciso tornar palpável conceitos e pensamentos.

Nesse momento, o processo – tão particular quanto todo o resto – é, provavelmente, o grande divisor de águas, uma vez que as escolhas dos materiais e métodos são feitas. É a ocasião mais oportuna para experimentações dos diversos conteúdos aprendidos, objetivando explicar-se não só através de textos ou imagens, mas por elementos concretos que contem em si mesmos, a intenção daquele por trás da obra. Nesse desenvolvimento do qual o resultado depende diretamente, está a chave para as concepções tanto da boa arquitetura quanto da arte plástica, pois a questão a considerar é como combinar toda individualidade, conhecimentos práticos e teóricos, experiências de vida e aplicar de maneira notável.

Toda essa trajetória de novos saberes e descobertas é acompanhada pela figura determinante dos professores e professoras, pois são eles que apresentam os assuntos e as possibilidades que permitem chegar a algum ponto pretendido. Eles atuam de maneira direta no que tange o pensar crítico dos estudantes, tornando possível que cada um encontre o próprio caminho convertendo quaisquer que sejam as circunstâncias e, são as primeiras personalidades admiráveis, base que estimula confiança e inspiração. A partir de suas orientações e como resultado dos vários exercícios projetuais,

referências são expostas e assim uma multiplicidade de visões surgem facilitando os fazeres em geral e fortalecendo ainda mais as particularidades individuais.

Nessa pluralidade, em que as maneiras de pensar, expressar, criar etc., estão envolvidas, encontra-se exemplos de artistas como Sarah Cabral, Talles Lopes, Áureo Rosa e Jeorge dos Anjos, que evidenciam suas singularidades por meio de suas obras.

Eventualmente, um tema que contemple aspectos emocionais acaba chamando a atenção de vários indivíduos, no entanto, as formas como se expressam em suas obras variam desde a escolha de determinada técnica até o modo como se inspiram e isso fica evidente seja na arquitetura seja num quadro. Por vezes, o processo do criador não é óbvio no objeto final, sendo necessário observar e considerar diversos elementos e é provável que a beleza esteja exatamente em pensar sobre isso diante da obra.

A capela Bruder Klaus, por exemplo – talvez a obra mais formidável de Peter Zumthor – ilustra de forma irreprovável a importância do processo na projeção e ainda mais, como o arranjo de aspectos materiais e emocionais, unidos com sensibilidade e rigor técnico traduz, através de uma forma física no espaço, algo que surge como uma ideia, uma necessidade.



Figura 1: A esquerda, fotografia da Capela de Campo Bruder Klaus de Peter Zumthor e, a direita, fotografia do interior da Capela, ambas da série de Aldo Amoretti, publicadas no ano de 2016. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/798788/capela-de-campo-bruder-klaus-de-peter-zumthor-pelas-lentes-de-aldo-amoretti>

Quem se depara com a forma prismática em concreto, aparentemente simples e livre na paisagem, não imagina o trabalho por trás das 24 camadas de 50 centímetros cada que a compõem e, ainda menos, de seu interior absolutamente distinto e misterioso resultado da queima de 112 troncos de árvore dispostos em forma de tenda. Contudo, seu processo está impregnado em sua forma, contando silenciosamente os detalhes e enfatizando quão imprescindível é acertar na escolha do material e do método.

Quando eu tento identificar as intenções estéticas que me motivaram no processo de projectar edifícios, eu chego à conclusão que os meus temas variam entre o lugar, o material, a energia, a presença, as recordações, as memórias, as imagens, a densidade, a atmosfera, a permanência e a concentração (ZUMTHOR, apud GONÇALVES, 2009, p.3).

Tal qual a obra de Zumthor, as telas da *série Descanso*, da artista, arquiteta e urbanista Sarah Cabral, são frutos de um processo bem marcado. Os “*descansos de pincel*” – como diz – evidenciam sua verdade, o momento em que testa as cores, a pressão pretendida para a quantidade de tinta e suas misturas, embaralhando-se emocionalmente as obras, de tal maneira que desperta no observador não só o apreço pelas tantas pinceladas, mas a vontade de compreendê-las.

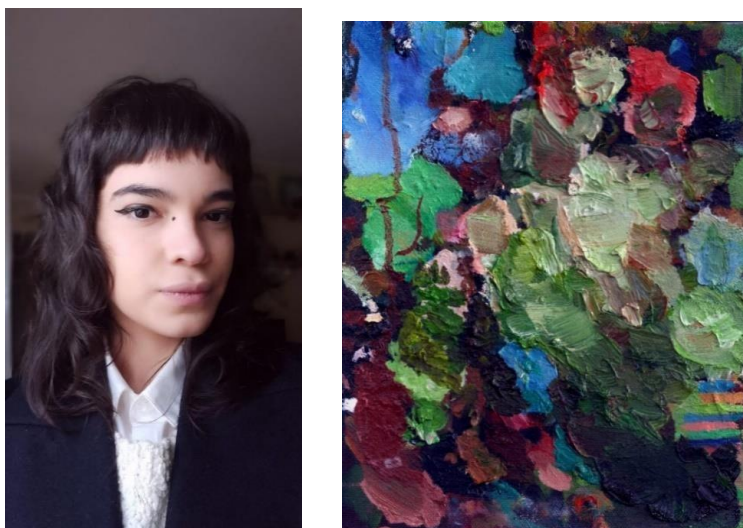


Figura 2: A esquerda fotografia da artista Sarah Cabral. A direita, Descanso nº 2, óleo sobre tela, 20 x 25cm, 2013. Imagens disponibilizadas pela artista.

Assim como a Capela dá margem a interpretações, indicando por exemplo a sobreposição de camadas com a direção das marcas no concreto, os traços das cerdas do pincel nas tintas aglomeradas criam textura e revelam uma intensidade que não se pode obter a partir de qualquer técnica, elas indicam os possíveis gestos, direções de movimentos da artista e dão margem às mais diversas leituras. O aspecto que a obra adquire a partir do processo manual – indispensável para Sarah – expressa uma verdade que a torna mais humana, a arte incorpora o acaso e converte-se em uma metáfora do próprio viver.



Figura 3: Da esquerda para a direita, Descanso nº 1, óleo sobre tela, 20 x 25cm. Descanso nº 3 e, óleo sobre tela, 20 x 25cm e, Descanso nº 9, óleo sobre tela, 20 x 25cm, 2013. Disponibilizadas pela artista.

As dez telas que compõem a série exibem quantidades de tintas e diferenciações de cores e tonalidades que revelam sentimentos vivenciados em determinado momento durante suas pinturas e sugerem uma urgência da alma traduzida ora em pinceladas rápidas, ora na alteração do colorido espalhado para escuro concentrado e evidente. Ainda que marcada pelo abstracionismo – sobretudo por ser seu processo entre telas – essa série também transparece a atenção da artista com a parte técnica, perceptível justamente pela combinação de tintas que provam sua preocupação em buscar pelo resultado que melhor responda sua necessidade em somar harmonicamente ao conjunto sendo produzido. E até o ensaio daquilo que a nomeará e finalizará sua obra está inscrito e tem importância.

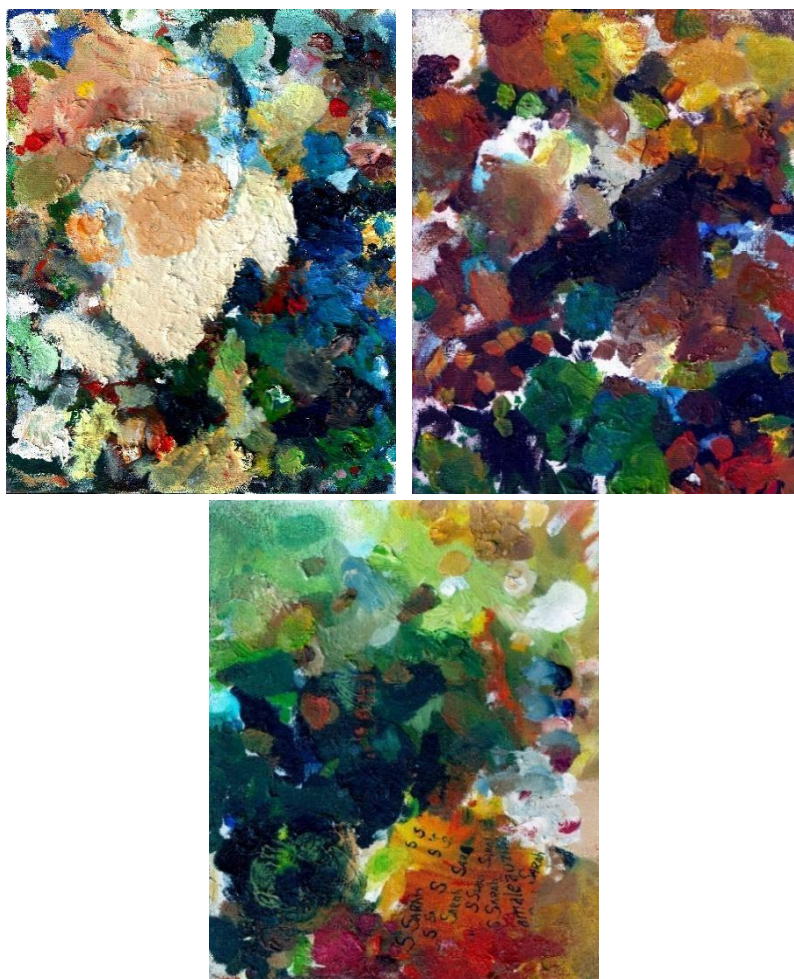


Figura 4: Da esquerda para a direita, Descanso nº 5, óleo sobre tela, 20 x 25cm. Descanso nº 6 óleo sobre tela, 20 x 25cm e, Descanso nº 7, óleo sobre tela, 20 x 25cm, 2013. Disponibilizadas pela artista.

Mas, por que relacionar as telas dessa artista com uma obra arquitetônica? Apesar de seu fazer artístico anteceder o arquitetônico, como a verdadeira arquitetura, a *série Descanso* emociona. São telas expressivas e misteriosas que assinalam o tempo em sua sobreposição de tintas secas que, por sua vez, dão forma a uma textura que parece convidar ao toque, assim como uma parede em concreto aparente que atrai por sua verdade exposta. É uma metáfora a ser interpretada pela sinestesia.

Em contrapartida, o artista aspirante a arquiteto e urbanista Talles Lopes se expõe racionalizando seus sentimentos sobre o papel. A racionalidade vista em suas obras reflete a sua constante vontade de organizar o caos interno. A forma como ele traduz isso parte de um processo com base em técnicas objetivas e concretas, as quais são absorvidas ao longo do curso, destacando sua aptidão para disciplinas ministradas no primeiro e segundo períodos, como desenho técnico 1 e 2.



Figura 5: Fotografia do artista Talles Lopes. Disponibilizada pelo artista.

Todo o processo utilizado se destaca perante o observador, as linhas de um desenho preciso originado de estudos específicos sobre perspectivas e traços, são percebidas sem muito esforço num simples vislumbre de suas obras. A técnica e a expressão de objetos e cores refletem sua visão do mundo e buscam explorar a

surrealidade de suas contradições internas somadas às questões atuais referentes ao espaço geográfico, evidenciadas nos desenhos de mapas.

O personagem que traja preto e possui o rosto escondido, ora por uma máscara simples ora por outra da qual sobressaem duas formas pontiagudas remetendo a figura de um coelho ou ainda apenas sem rosto, é um ponto notável que se repete em várias das obras e se destaca em primeiro plano. A ausência de um rosto diz respeito a omissão da verdadeira identidade, possibilitando pensar que o avatar seja a representação perfeita de um alter ego do artista que permite maior liberdade para expressar as opiniões conflitantes que habitam seu ser e podem, ainda, simbolizar qualquer indivíduo que simpatize com a ideia da obra.

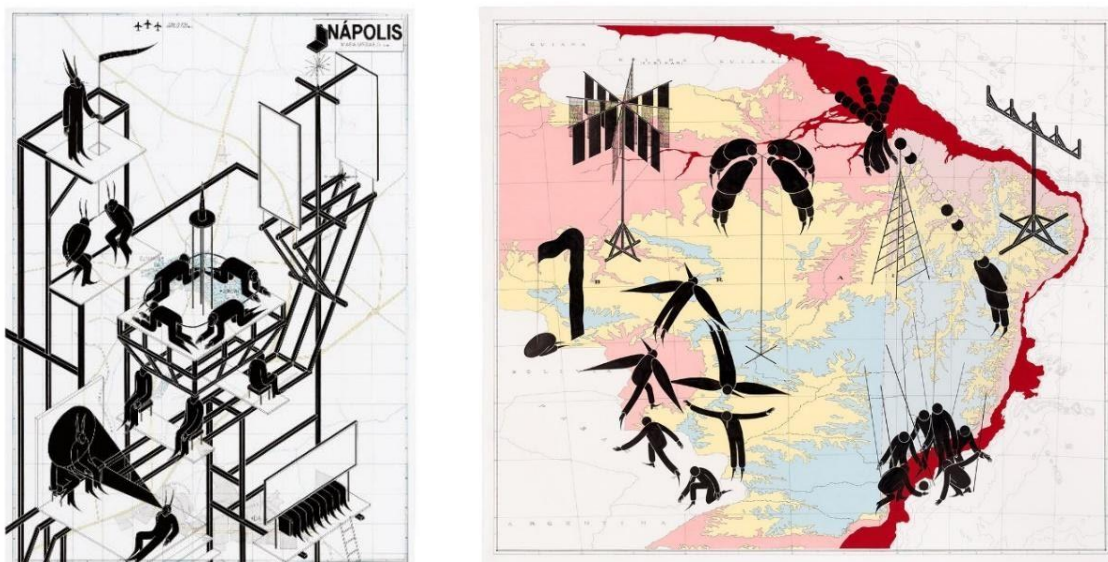


Figura 6: A esquerda, Anápolis subtraída, nanquim e aquarela sobre papel, 2016. A direita, Sem título, guache e nanquim sobre papel, 125 x 115cm, 2018. Disponibilizadas pelo artista.

Em segundo plano, esgueiram-se parte desses conflitos do artista, com ênfase em questões importantes que fazem referência ao espaço, sendo retratadas em mapas da cidade de Anápolis, do Brasil e até da América. Sua obra reflete de maneira profunda a ocupação de terras, a densidade demográfica e os contextos históricos existentes no país, deixando a interpretação livre de que o mapeamento representa o lugar onde a personagem criada habita e permanece, vivendo em um ciclo eterno.

Outro ponto importante em seu processo é notado na influência dos conhecimentos teóricos absorvidos durante o curso. A crítica aos aspectos referentes à habitação e aos fatos históricos que são estampados sobre o papel de maneira marcante e singular, revelam toda uma experiência nas disciplinas relativas à área de humanas, indo de história da arte e arquitetura até as disciplinas de estudos urbanos. Fazendo paralelo aos conhecimentos práticos também adquiridos ao longo dos 5 anos de curso, ocorre a união e criação da concepção individual do artista, formando aquilo que se explica para ele como arte e se exemplifica em suas obras.



Figura 7: A esquerda, Nelson Rodrigues, nanquim e acrílica sobre papel, 101 x 72cm, 2016. A direita, Sem título, nanquim e aquarela sobre papel, 87,5 x 65cm, 2016. Disponibilizadas pelo artista.

Ainda que mude o tema e a técnica empregada, a crítica – enquanto elemento compositivo da arte – é incorporada por vários artistas que veem nesse fazer a possibilidade de chamar atenção para assuntos que consideram relevantes. Obras com esse propósito provocam o observador a pensar não só acerca de determinado objeto, mas em um contexto maior. Esse é o cenário em que se apresenta o arquiteto, urbanista

e artista plástico Áureo Rosa, com obras que, de fato, fazem jus àquilo que são propostas – seja ocasionando estranhamento ou curiosidade, elas estimulam a reflexão.



Figura 8: Fotografia do artista Áureo Rosa. Disponibilizada pelo artista.

Valendo-se de recursos computacionais e da serigrafia – técnica de impressão manual – ele encontra a maneira de materializar e transferir as tantas ideias que tem e as relações singulares que possui facilidade em estabelecer. Com abordagens de temáticas regionais e de cultura urbana, Áureo Rosa põe em evidência questões que muitos indivíduos desconsideram ou ignoram, certamente, por não terem coragem de discuti-las. Suas obras expõem inquietações e convidam – quase aos gritos – as pessoas a pensarem de forma crítica.

Lynch (1982), coloca que *“todo o cidadão possui numerosas relações com algumas partes da sua cidade e a sua imagem está impregnada de memórias e significações”* e, certamente, se o autor tratasse especificamente desse artista, estaria falando do Centro de Goiânia. Esse é o lugar em que estão as principais marcas da história que pode ser contada pela arquitetura, mas é também o grande palco de diferentes narrativas da vida e das manifestações marginalizadas – daqueles que vivenciam o espaço de verdade – que são um dos pontos realmente relevantes para o artista, sendo possível, inclusive, perceber em algumas obras temas como a pornografia que exemplifica isso e figura também em seus estudos.



Figura 9: A esquerda, Goiás é gay, serigrafia sobre papel, 18 x 22cm. A direita, Cine Astor, impressão fine art, 42 x 29,7cm. Disponibilizadas pelo artista.

Impressionantes seja pelas cores, seja pela reflexão que encorajam, suas obras resultam de uma construção em que há tanto o amadurecimento do próprio artista, quanto das técnicas que corroboram suas ideias tornando-as visíveis. Cabe ressaltar nessa evolução a influência do curso de arquitetura que, certamente estimulou seu pensar crítico, pois como ele mesmo diz, *“acho que se eu tivesse feito (o curso) em outro lugar, não sei se teria essa visão de arquitetura, de produção arquitetônica na cidade”*.

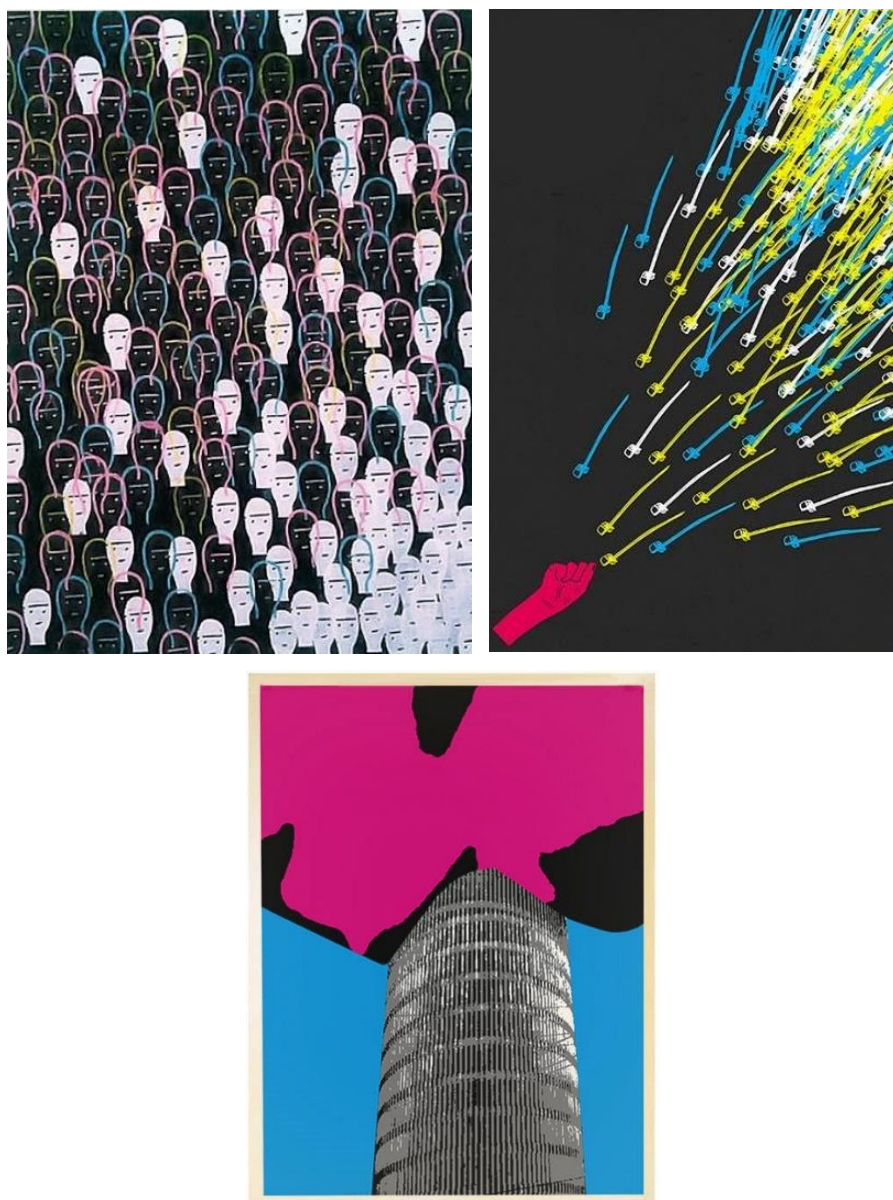


Figura 10: Da esquerda para a direita, Mapa demográfico, serigrafia sobre papel, 70,5 x 48cm. Ipiranga, serigrafia sobre papel, 66 x 96cm e, Pós pornô, serigrafia sobre papel, 66 x 49cm. Disponibilizadas pelo artista.

Essas cores que são marcantes e estão sempre presentes nas obras, identificam o artista – já reconhecido por isso – ao mesmo tempo que permitem a ele abordar quaisquer temas sem necessariamente usar identidade de outros, justamente por serem tons genéricos. O contraste conseguido evidencia ênfase, principalmente na ideia de um mundo plural, de maneiras distintas para fazer as coisas, sendo até um ponto de crítica para o artista que vê os conceitos pré concebidos como impedimento de ver e fazer diferente seja lá o que for. A própria ressignificação da ideia de “mapa” mesmo que pareça simples, em uma primeira impressão, dá margem para entender um pouco dessas questões que ele levanta e pretende chamar atenção, pois sem esse choque que leva à discussão, a tendência é que continuem reproduzindo e repetindo – sem considerar a real validade – as mesmas maneiras de muito tempo. É uma pequena parte, que leva a pensar em um todo muito mais abrangente.

Mesmo que timidamente – talvez pelo breve tempo com a produção artística formal – Jeorge dos Anjos já apresenta ideias tanto técnicas quanto estilísticas que podem vir a ser um traço a identifica-lo em suas obras. É possível perceber uma diversidade de assuntos tratados pelo artista que, ora evidencia situações do cotidiano de cidades as quais ele viveu ora músicas e personagens da cultura popular, tudo isso utilizando a forma de desenho que remete aos quadrinhos.

Em suas primeiras obras, o desenho utilizando a mesa digitalizadora já se destaca, além dos recursos computacionais de edição que, diferentemente dos meios tradicionais, possibilitam adicionar cor e diagramar conforme o desejado alterando até chegar a uma conclusão sem necessariamente ter que rasgar folhas e recomeçar. Nelas ele busca exaltar artistas pelos quais tem preferência, com letras de músicas ao fundo, remetendo a cartazes da década de 1960 e 1970.



Figura 11: À esquerda, George dos Anjos e à direita, Pop Freddie, arte digital, 40 x 40 cm, 2019. Disponibilizadas pelo artista.

Posteriormente, é no contexto urbano que George dos Anjos encontra um aspecto para dar atenção, intuindo destacar as edificações que tem importância enquanto patrimônios culturais que são e o resultado é seu trabalho intitulado *Convulsão Anapolina*. Evoluindo em sua temática, agora o enfoque é trazer notoriedade a espaços rotineiros com caráter histórico que são menosprezados. Objetivando envolver o observador ele apela, em primeiro plano, a figuras populares da cultura mundial. Bob Dylan aparece fumando sentado na fonte em frente ao Mercado Municipal, enquanto Jimi Hendrix acende uma fogueira em meio aos mendigos na praça Bom Jesus em frente a Galeria Antônio Sibasolly e, por fim, Marilyn Monroe canta pra cidadãos em frente à Estação Ferroviária Prefeito José Fernandes Valente. Tudo isso visando influenciar o pensamento sobre a importância dos espaços abordados.

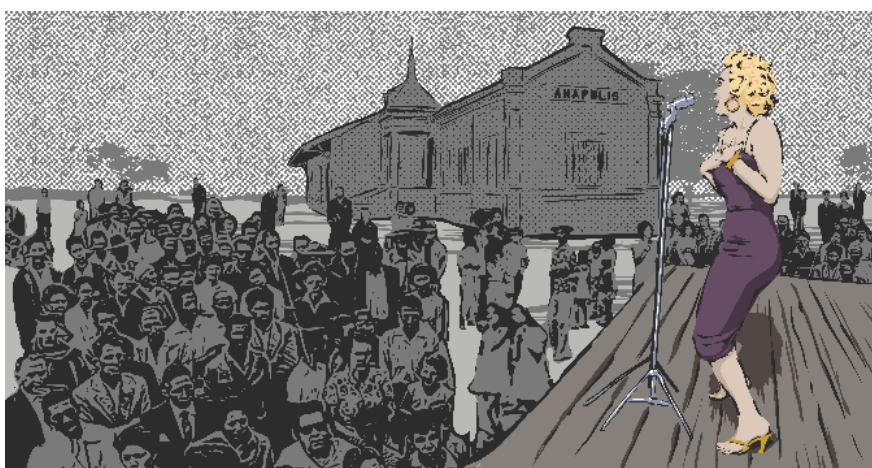


Figura 12: De cima para baixo, Bob Dylan, arte digital impressa em papel fotográfico, 60 x 30 cm, 2019; Jimi Hendrix, arte digital impressa em papel fotográfico, 60 x 30 cm, 2019 e, Marilyn Monroe, arte digital impressa em papel fotográfico, 60 x 30 cm, 2019. Disponibilizadas pelo artista.

Mudando o foco e se concentrando em uma crítica bem humorada, sua produção mais recente, *Maranhão Rio das Cordas*, evidencia – por meio de uma série em quadrinhos – características político-sociais de Barra do Corda, destacando a simplicidade do lugar de maneira sarcástica, perceptível pela brincadeira com a logo da editora “*Great lie Comics*” acima de cada imagem. Essa diversidade presente nas obras, mostram sua facilidade tanto para ter ideias quanto para externalizá-las e, evidentemente, suas tantas habilidades não encontrarão dificuldades para evoluírem ainda mais.

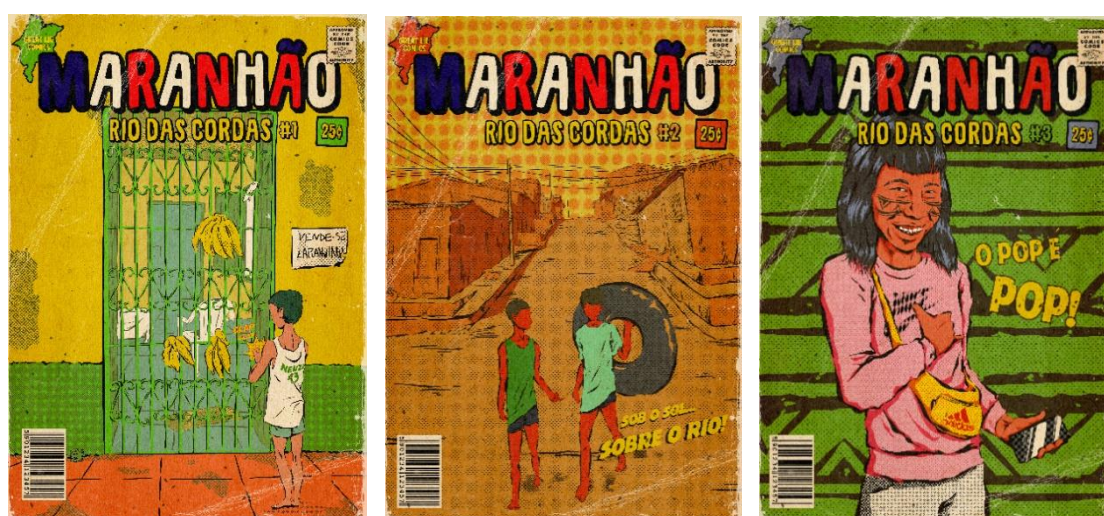


Figura 13: Da esquerda para a direita, Maranhão Rio das Cordas #1, arte digital a ser impressa em papel fotográfico, 42 x 29,7 cm, 2020; Maranhão Rio das Cordas #2, arte digital a ser impressa em papel fotográfico, 42 x 29,7 cm, 2020 e, Maranhão Rio das Cordas #3, arte digital a ser impressa em papel fotográfico, 42 x 29,7 cm, 2020. Disponibilizadas pelo artista.

Em meio a todas essas questões que se destacam de diferentes formas em obras tão distintas quanto seus autores, é possível destacar a tríade – diversidade, processo, professores e professoras – como elemento base. Fundamentalmente tratando-se da UEG. Mesmo que tenham sido citados quatro artistas, a multiplicidade dos talentos é reveladora e notável além de, evidentemente, mostrarem um acúmulo de saberes vindos tanto da instituição quanto da vida fora dela que se mesclam e explodem de maneiras singulares. Esse vínculo que existe entre arquitetura, urbanismo e artes plásticas é reforçado quando há essa conexão também em outros níveis, desses

indivíduos que conseguem enxergar a necessidade de libertar-se, de sensibilizar-se e ser empático e dão forma a inquietações – seja individual, seja coletiva – em suas obras.

São apresentadas ferramentas, formas de fazer e abordar, técnicas diferentes, mas também realidades que precisam ser vistas e discutidas, e ao fazê-lo a tendência é querer criticar, provocar e chamar atenção, mas também entender cada ponto e compreender ao máximo para responder da melhor forma. A personalidade que ou é desenvolvida ou potencializada quase que inconscientemente durante o curso, traz consigo uma força criadora que parece tornar possível quaisquer que sejam as atividades que se queira desenvolver. Se fosse possível perguntar a Belchior sobre essas pessoas, ele provavelmente diria que são corações selvagens com pressa de viver.

BIBLIOGRAFIA

GONÇALVES, José Manuel Campos Macedo. ***Peter Zumthor: Um estado de graça entre a tectónica e a poesia***. 2009. 151 f. TCC de licenciatura em Arquitectura. Faculdade de Ciências e Tecnologias da UC, Departamento de Arquitectura, Coimbra, 2009.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). ***O ensino do desenho***. 1940. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/O Ensino do Desenho.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/O%20Ensino%20do%20Desenho.pdf)> Acesso em: 19 ago. 2020.

LYNCH, Kevin. ***A imagem da cidade***. Editora Martins Fontes, São Paulo, 1982.

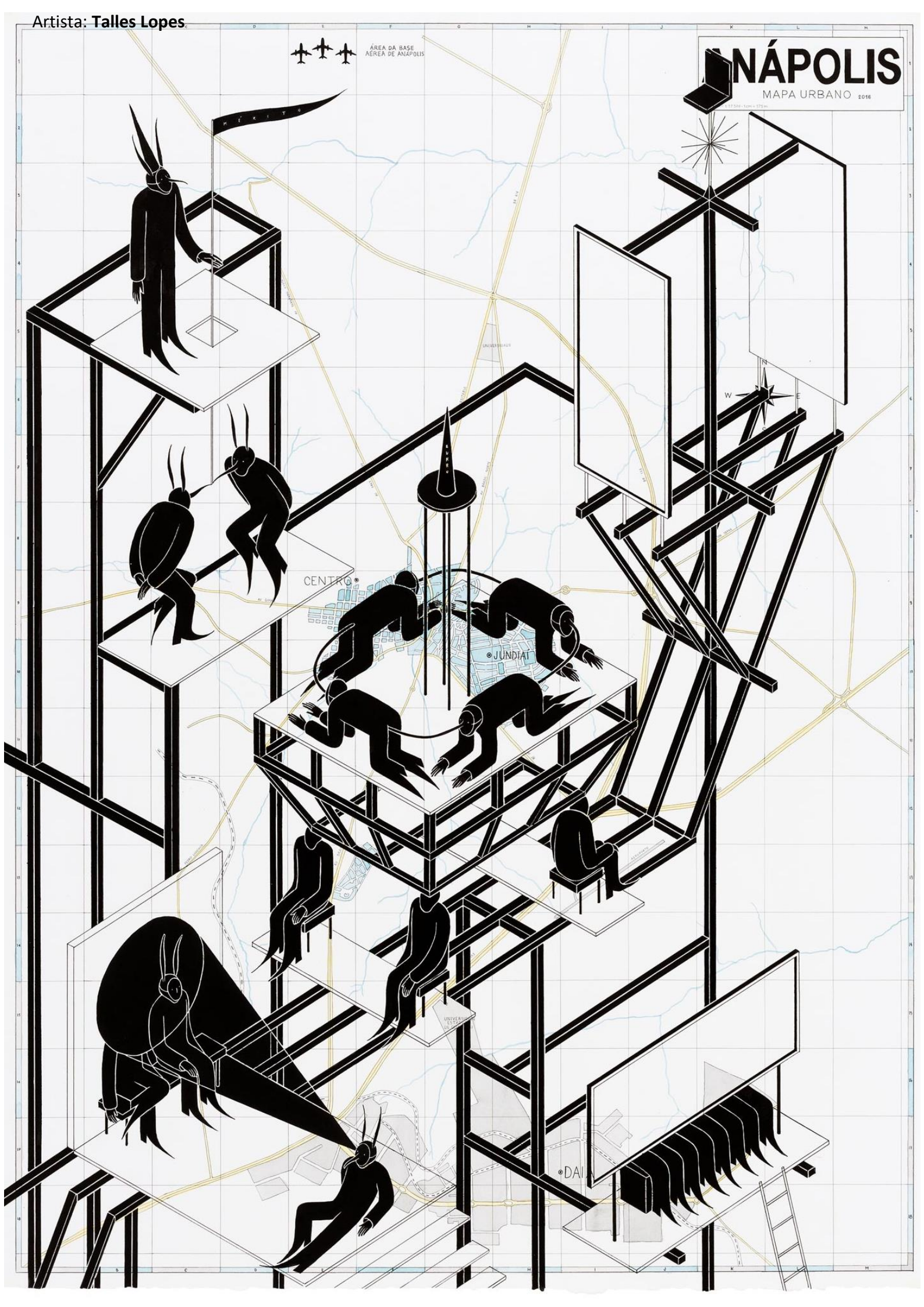
ZILLIACUS, Ariana. ***Capela de Campo Bruder Klaus de Peter Zumthor pelas lentes de Aldo Amoretti***. Archdaily, 2016. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/798788/capela-de-campo-bruder-klaus-de-peter-zumthor-pelas-lentes-de-aldo-amoretti>. Acesso em: 21 ago. 2020.

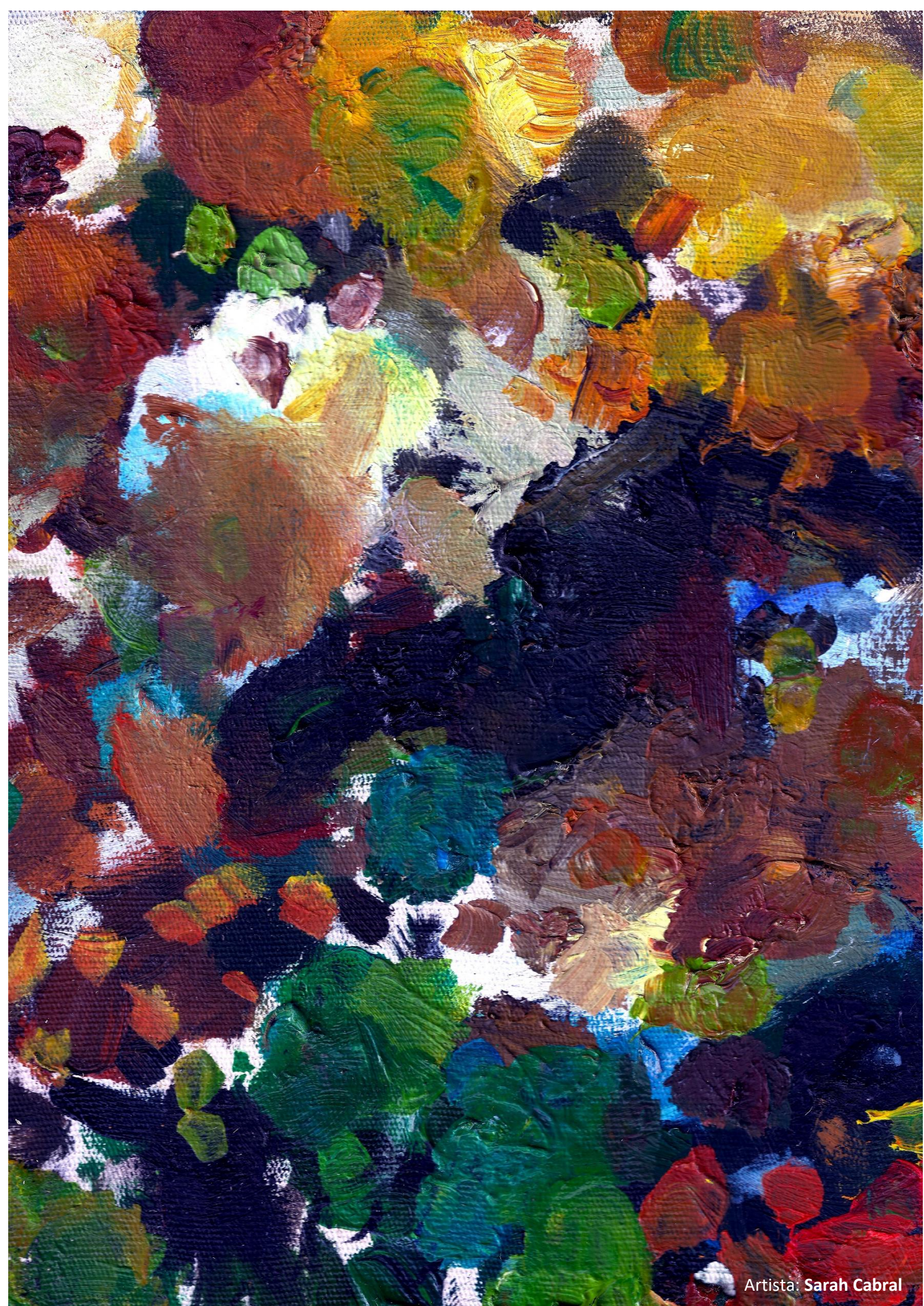


ÁREA DA BASE
AÉREA DE ANÁPOLIS

NÁPOLIS

MAPA URBANO 2016





Artista: Sarah Cabral



240



BRASIL

Número de ocupações de terra
2006/2014

Artista: Talles Lopes

Legenda

Numero de ocupações por município

2006 ●

2014 ●



05°00'S

20°00'S

70°00'W

40°00'W

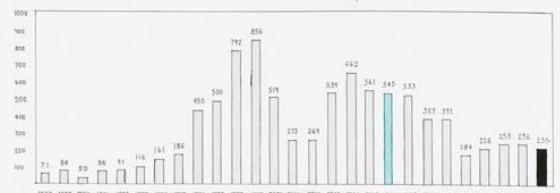
05°00'S

20°00'S

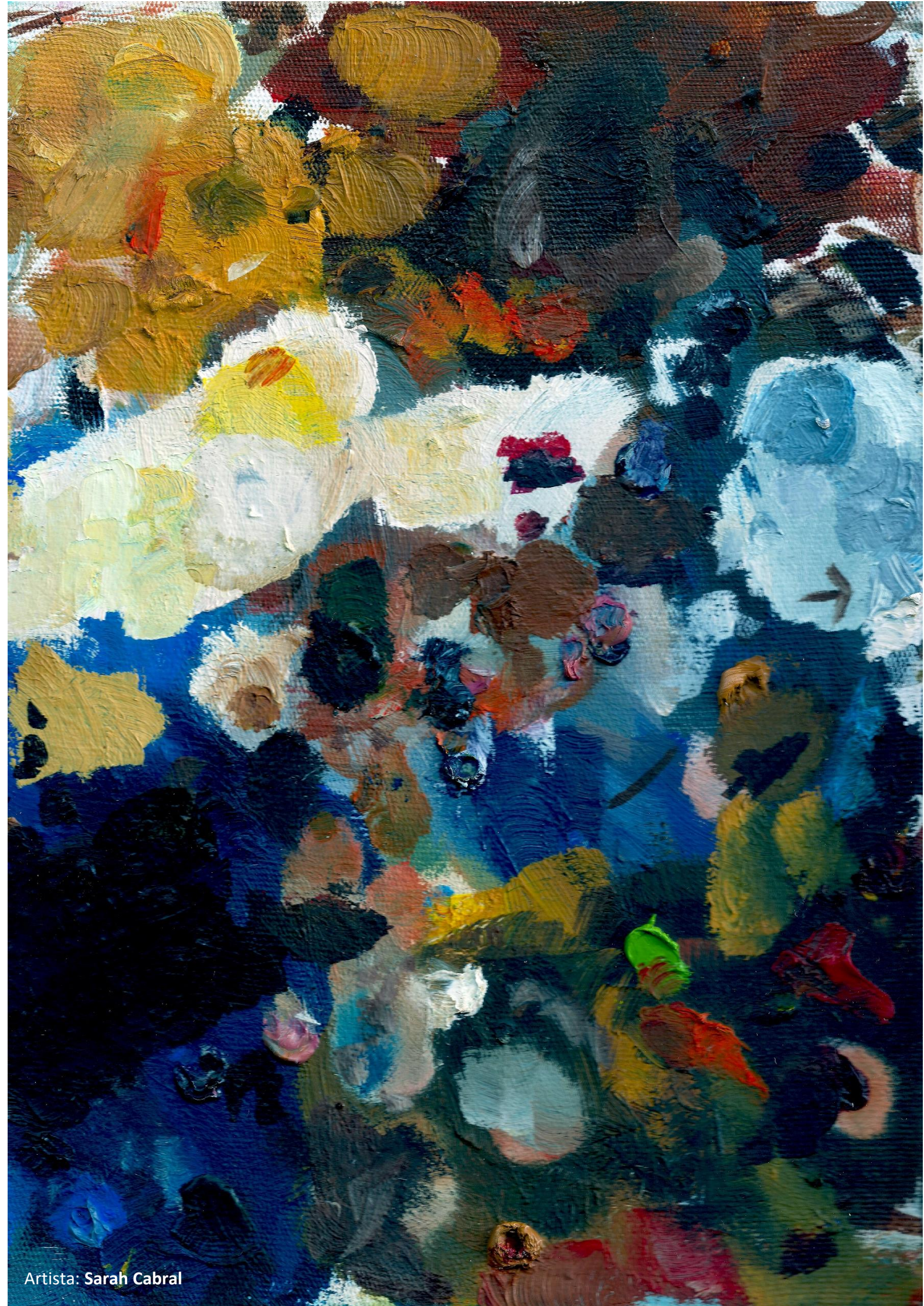
40°00'W

70°00'W

GRÁFICO - BRASIL - NÚMERO DE OCUPAÇÕES - 1988-2014



FONTE: DATALUTA - BANCO DE DADOS DA LUTA PELA TERRA



Artista: Sarah Cabral





AS AMÉRICAS

Artista: Sarah Cabral

